

Reportagem Especial

ADOLESCENTES NO CRIME

Menores presos até 25 vezes

Eles não temem a Justiça e insistem em desafiar a polícia, ao cometerem crimes, como tráfico de drogas, assaltos e assassinatos

Victor Muniz

Eles são acusado de tráfico, assalto e até a mortes. Mesmo após serem detidos 10, 15 e até 25 vezes, ainda continuam desafiando a polícia e a Justiça. Esses são os adolescentes reincidentes no mundo crime. Menores infratores que se acostumam com a vida de bandido e acabam virando um risco para a sociedade.

No último dia 8 de junho, um jovem morreu por causa da ação de um menor, de 12 anos. O atendente de farmácia Carlos Tomazini, de 21 anos, foi assassinado no local de trabalho, ao tentar defender uma colega que era agredida, no assalto.

Ele levou um tiro do adolescente, que portava uma pistola calibre 380. Após ser pego com a pistola usada para matar Carlos, ele afirmou que pouco depois do assassinato foi soltar pipa com os amigos e demonstrou um sinal claro da falta de preocupação com o que poderia acontecer pelo crime.

Em Cariacica, outro caso pode ser tomado como exemplo da reincidência no crime. O jovem Ivan Soares, de 20 anos, foi preso

após assaltar e roubar um carro de duas mulheres, no último dia 15 de julho, em Flexal II, Cariacica. O acusado revelou que já possuía 28 passagens pela polícia, sendo que 25 delas quando era menor.

Após confessar o crime, Ivan conversou com a reportagem de **A Tribuna** e afirmou que estava arrependido. “Eu queria pedir desculpas pelo que fiz. Estou muito arrependido e deveria ter ouvido os conselhos que as pessoas me dão. Eu vou mudar dessa vez”, disse.

Dados da Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), mostram que a reincidência é comum entre menores infratores. Um dos casos mais lembrados pelos investigadores é de um jovem que hoje está com 19 anos.

Até ano passado, antes de atingir a maioridade, já respondia a 14 processos, vários por crimes graves. Hoje, ele está preso por um assalto cometido depois de adulto.

Um investigador da Deacle, que preferiu não se identificar, revelou um caso de uma menina, moradora de Vitória, que pediu para ser presa com medo de morrer. Ela possui passagens por roubo e tráfico de drogas, segundo ele.

“Há três meses ela se apresentou para guardas com buchas de maconha falando que estava traficando. Quando ela chegou aqui revelou que havia acabado de levar um tiro de metralhadora e estava com medo. Mesmo assim ela falou que não sairia do tráfico por causa do dinheiro”.

“Estão mais debochados e cientes da impunidade”

Policiais civis e militares dizem ficar em uma situação cansativa quando o assunto é reincidência de menores no crime. Ter que prender o mesmo adolescente por diversas vezes em um curto período de tempo e vê-lo solto, em seguida, é a maior reclamação.

De acordo com o titular da Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), delegado Wellington Lugão, cada dia mais os menores infratores se importam menos com a punição.

“Eles estão cada vez mais debochados e cientes da impunidade. A gente tem de ser realista. O estatuto não visa punir o jovem porque o nome mesmo já diz, medida socioeducativa. Como eles sabem que nada muda, continuam praticando crimes”, afirmou.

Mas o delegado também entende que a culpa não é somente do adolescente. “A gente vê que a maioria desses jovens possui um lar desestruturado. Os pais não impõem limites. Em bairros mais carentes, crianças tomam conta de crianças. Os pais deveriam ser mais presentes nas vidas dos filhos”, disse Lugão.

O subcomandante do 6º Batalhão (Vila Velha) da Polícia Militar,

major Rogério Fernandes, também afirma que os policiais ficam incomodados com o deboche dos adolescentes que são presos. Mas acredita que a falta de valores e a idade contribuem para a atitude.

“A gente vê que a reincidência é grande, até pela idade e pelos valores de hoje. Eles acham que é normal uma conduta criminoso. Infelizmente esse grupo de pessoas acaba sendo vulnerável. A maioria não ultrapassa os 25 anos. Os policiais reclamam muito dessa postura desmedida e inconsequente do adolescente”, afirmou o major.



WELLINGTON Lugão: “sem limites”



ADOLESCENTE DE 16 ANOS, detido por roubo, aguarda audiência com a mãe, que garantiu não admitir uma 2ª vez

“Se repetir, eu mesma denuncio”

Durante a audiência de um adolescente de 16 anos, que foi preso após roubar duas motos, a mãe dele demonstrou a preocupação que pode ter livrado o filho da prisão.

Preocupada com o fato dele ter cometido um crime, a vendedora afirmou que não vê motivos para o filho roubar, já que ela trabalha e dá tudo o que ele precisa para viver.

“Eu dou uma boa vida, com comida, roupa lavada, tudo. Mas dessa vez, apesar dele estar com um amigo na hora lá, eu acho que foi invenção de moda”, afirmou.

A vendedora também revelou que não pretende mais passar por esse tipo de situação. Ela acredita que o filho não vai mais cometer crimes e, se repetir, ela pretende

tomar uma medida dura. “Eu mando prender de novo. Eu mesma denuncio. Passei por isso uma vez e não quero nunca mais”, avisou.

Durante a audiência no Fórum de Vila Velha, o juiz responsável pela 2ª Vara da Infância e Juventude do município decidiu dar uma segunda chance para o menor, por ser a primeira passagem dele.

O menor e o crime Raio X dos infratores



954 ADOLESCENTES, atualmente, estão distribuídos nas 12 unidades socioeducativas do IASES: seis unidades de internação e o restante dividido entre casas de semiliberdade, Unidade de Atendimento Inicial e Unidades de Internação Provisórias

NÚMERO DE ADOLESCENTES QUE ENTRARAM NO IASES:

De 1º de janeiro a 31 de maio deste ano	De 1º de janeiro a 31 de maio do ano passado
1.634	1.591

2,6%
É O AUMENTO do número de internações

EM BRASÍLIA

No dia 21 de maio, Gabriel Felipe da Silva Dantas, de 18 anos, foi preso por estelionato no Distrito Federal e chegou à marca de **102 PASSAGENS** pela polícia, sendo a primeira aos 12 anos

Fontes: Instituto Socioeducativo do Espírito Santo e Confederação Nacional do Transporte

INFRAÇÕES DOS MENORES NO MÊS DE JUNHO

CRIMES	QUANTIDADE	PERCENTUAL
Roubo	70	26%
Tráfico e associação ao tráfico	54	20%
Tráfico de drogas	53	20%
Mandado de busca e apreensão	31	11%
Outros	25	9%
Porte ilegal de armas	14	5%
Homicídio	8	3%
Tentativa de homicídio	6	2%
Tentativa de roubo	5	2%
Furto	5	2%
TOTAL	271	100%

PESQUISA NACIONAL

De cada 10 brasileiros, nove são a favor da redução da maioridade penal de 18 anos para 16 anos:
 > **92,7% DOS** entrevistados disseram que são a favor da redução
 > **6,3% DISSERAM** ser contra a redução
 > **0,9% RESPONDERAM** que não sabem

DADOS

2,2 ANOS
é a média do tempo de internação dos menores

R\$ 2.600 A R\$ 7 MIL*
é o custo mensal de cada adolescente para o Estado*

*Valores incluem despesas com alimentação, saúde, psicólogos, professores, entre outros

Reportagem Especial

ADOLESCENTES NO CRIME

“Estamos vivendo quase um caos”

Acostumado a lidar com menores infratores todos os dias, o juiz da 2ª Vara da Infância e Juventude de Vila Velha, Vladson Couto Bittencourt, acredita que a situação está perto de chegar ao caos.

Em entrevista à reportagem de **A Tribuna**, o magistrado lamentou o fato de adolescentes possuírem tantas passagens pela Justiça sem a punição correta. Além disso, destacou a falta de atuação do Estado para evitar o envolvimento de menores na criminalidade.

A TRIBUNA - Por que vemos tantos adolescentes reincidentes no crime?

JUIZ VLADSON COUTO - Não é normal. Primeiro temos que admitir um “mea culpa” do poder Judiciário que deixa chegar nessa situação de várias passagens. Outro problema é a parte social, na vida que eles levam, de onde eles estão, onde vivem.

O que o Estado fez para esses adolescentes antes deles se tornarem infratores? Qual foi a política oferecida para eles? Essa é uma realidade dos pobres. Não que o rico não pratique ato infracional, também pratica, e a gente pune. Mas eles fazem em escala muito menor.

> E o que o senhor acha da sociedade atual?

A sociedade e o governo deveriam mudar. Não há como negar que estamos vivendo quase um caos. Eu acho que algo mais tem de ser feito. O Estado deve mais a eles

do que eles a nós.

> Acha que o Estatuto da Criança e do Adolescente deveria mudar?

Eu acho que antes da gente tentar mudar o estatuto, tem que tentar cumpri-lo. O que está lá ainda não foi verdadeiramente implementado. Os meninos que vêm aqui cursam no máximo até a 7ª série. Falar em mudança tem que ser geral, não só do estatuto. Se diminuir a maioria penal adiantasse, as cadeias deveriam estar vazias. Não é por medo do código que eles vão sair do crime.

> As punições aos menores infratores dadas pelos juizes não deveriam ser mais rigorosas?

Juiz não faz lei, ele cumpre a lei. Quem faz lei é deputado e senador em Brasília. Hoje eu tenho um estatuto que fala que eu não posso prender o menor por tráfico de drogas, por exemplo. Então eu tenho que me limitar ao que está ali.

Eu acho que a lei não está errada, mas poderia ser mais flexível. É um prende e solta? Sim. Mas eu não posso fugir da lei.

“Eu só posso dar internação em casos de tráfico, mesmo que seja uma tonelada de cocaína, depois da 3ª vez que ele for apreendido”

Vladson Couto Bittencourt, juiz

Solução intermediária

O senador Sérgio Souza (PMDB-PR) defendeu uma proposta de sua autoria que altera o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para possibilitar a aplicação de pena prevista no Código Penal para o adolescente no caso de reincidência na prática de infração grave.

Na avaliação do senador, exposta na última semana, essa seria uma solução intermediária para a polêmica sobre a redução da maioria penal, já que trará punição mais rígida para os adolescentes sem alterar a idade da maioria.

Ele explicou que sua proposta mantém as garantias processuais previstas no ECA, como medidas socioeducativas e internação.

Mas, caso o menor reincida em infrações graves, o tratamento se-

ria diferente, aplicando-se penas previstas no Código Penal, “para crime de mesma natureza e gravidade da infração cometida”.

O senador citou pesquisa feita pelo Instituto Paraná, que revela que 90,4% dos entrevistados são favoráveis à redução da maioria penal. Para 64%, a redução contribuiria para reduzir a violência.

Ao analisar as causas do aumento da criminalidades nos grandes centros urbanos, Sérgio Souza disse que na sociedade atual os pais têm cada vez menos tempo para se dedicar aos filhos e acabam não passando a eles valores éticos.

“Nós, que representamos o povo, temos a obrigação de regular o convívio em sociedade, que é darmos um tratamento diferenciado e responsabilizar civil e criminalmente o menor”, afirmou.



SENADOR SÉRGIO SOUZA apresentou proposta que dará punição mais rígida para adolescentes infratores sem alterar a maioria penal



MENOR, detido por porte ilegal de arma, só disse que iria mudar quando ouviu do juiz que seria impedido de ver o filho

Tensão e sermões em audiências

Tensão, alívio e muitos sermões de juiz e promotor de Justiça. Esse é o clima de uma tarde de audiências de menores que cometeram crimes na 2ª Vara da Infância e Juventude de Vila Velha.

A reportagem de **A Tribuna** acompanhou as sessões no gabinete do juiz Vladson Couto Bittencourt e pôde presenciar famílias preocupadas e mães aliviadas após a notícia de que os filhos não seriam enviados para o regime fechado.

Cara a cara com o juiz e o promotor, os adolescentes se mostra-

vam acoados. Muitos deles não aparentavam serem capazes de cometer o crime pelo qual eram acusados.

Os pais, apesar do erro cometido pelos filhos, sempre com a esperança de que eles pudessem ser perdoados.

Alguns pais não sabiam nem mesmo quantas passagens os filhos tinham pela polícia.

Já outros, se apoiavam na força da religião para dar ao juiz motivos que impedissem o filho de ser internado em regime fechado.

O magistrado procurava tocar em um ponto fraco que desse um estalo no infrator, para que ele se esforçasse para decidir pela sua mudança.

Ser pai e deixar de estar presente na vida do filho, foi o fator que pesou contra um adolescente que havia sido preso por porte ilegal de arma. Ele já respondia processo por assalto e era viciado em maconha.

Só após ser comunicado durante audiência que poderia ser impedido de visitar o filho, que ele se mostrou mais disposto a mudar.



FERNANDO RIBEIRO - 29/04/2010

UNIDADE de Internação Socioeducativa (Unis), em Cariacica, onde adolescentes permanecem em regime fechado

ANÁLISE

Ricardo Gueiros
Professor de Direito Penal e Constitucional da Ufes



“Só falta aplicação correta das leis”

“O que o Brasil menos precisa é de mudança nas leis. Pode parecer estranho, mas são excelentes, modernas, atuais e só falta uma aplicação correta das leis.

Temos uma Constituição muito bem redigida, democrática e o Código Penal já sofreu alterações. Mudar uma lei nesse momento é totalmente inútil.

Temos o código para maiores, que visa prevenção e punição. O estatuto é para menores e, teoricamente, não prevê punição. Ele visa ressocializar. Então se existe uma lei que prevê, principalmente a não reincidência é o estatuto. Ele é muito bem redigido, mas muito mal aplicado.

É um problema muito mais social e cultural do que do Poder Legislativo. Temos uma cultura, há muitos anos, de aplicar mal a lei. O velho jeitinho brasileiro também aparece quando se trata de de norma jurídica.

É fácil escrever lei, agora conseguir aplicar e criar centros de ressocialização de menores, mostrar o que o estado não pode dar e oferecer a vida toda, é muito difícil”.

Ressocialização de jovens

Com o objetivo de ressocializar os adolescentes, e evitar que eles voltem para o mundo do crime, foram criadas as unidades de internação, que são administradas pelo Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases).

Apesar de ser um regime fechado, existem algumas diferenças importantes em relação a um presídio de adultos.

De acordo com o diretor-presidente do Iases, Lindomar José Gomes, todos os jovens que entram na unidade passam por uma avaliação. Depois disso, um programa de acompanhamento é criado para cada um dos internos.

“Quando ele entra, a gente faz uma coisa chamada polidimensional e um Plano Individual de Atendimento (Pia). Nesses programas são feitas análises de toda a

situação na qual o adolescente está inserido. Ele também conversa com psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, toda uma equipe. Esse conjunto de profissionais vai direcionar as atividades”.

Segundo Lindomar, a rotina é parecida com a de um adolescente normal no dia a dia.

“Eles acordam, tomam café da manhã e vão para a escola. As aulas são dadas dentro das unidades por professores da rede pública. Depois eles almoçam, descansam na moradia e partem para as atividades pedagógicas. Como a gente trabalha com fases, o adolescente vai recebendo várias conquistas de acordo com o estágio que ele vai chegando no programa. Damos uma liberdade a mais, como assistir televisão e praticar mais tempo de esportes”, disse o presidente,